



A Dádiva do Espírito

Revda. Maria Luiza Rückert

Depois da ressurreição, Jesus continuou aparecendo durante 40 dias aos discípulos. Antes de partir, Jesus prometeu enviar o Parákletos em seu lugar (Jo 14,15-31). Trata-se de “outro Defensor”. Isto significa que Jesus também é Defensor. Mas, Jesus volta para o Pai, e o outro Defensor permanecerá com os discípulos para sempre (Jo 15,26-27).

A ascensão de Jesus é a condição para a vinda do Parákletos (Jo 16,5-15). O derramamento do Espírito é obra de Jesus glorificado (Jo 7,39). É o cumprimento da promessa de Deus (Jl 2,28). Em Pentecostes tem início a Era do Espírito.

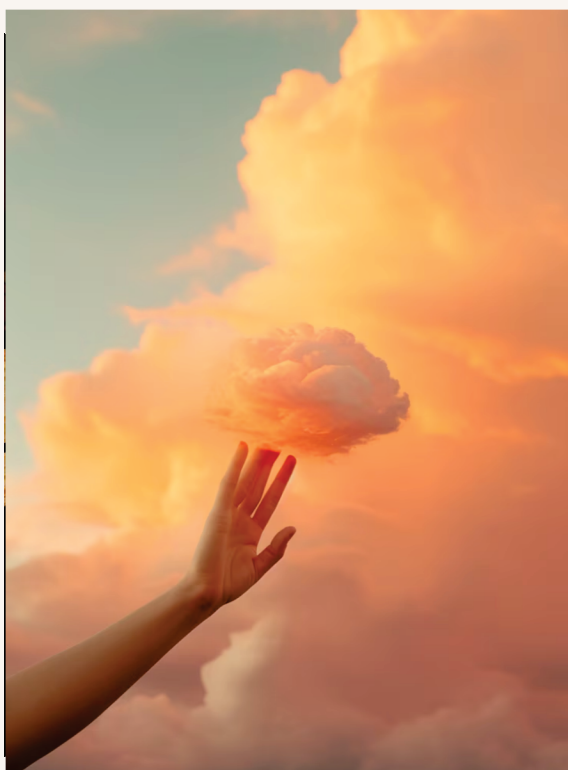
Jesus apareceu ao apóstolo Paulo depois dos 40 dias. Foi uma exceção. Por isso, Paulo considerou-se “um nascido fora de tempo” (1 Co 15,8).

Atuando em nós, o Espírito substitui a nossa inclinação para o egoísmo. E torna-se uma garantia (penhor) de nossa ressurreição (2 Co 1,22; 5,5). O Espírito é o pagamento antecipado da ressurreição (Rm 8,11).

O cristão acolhe a ação do Espírito, e se entrega a essa orientação pela fé. O agir do Espírito é compartilhado por intermédio do amor de Deus (Rm 5,5).

O Reino de Deus é também “alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17).

Jesus nos exorta a pedir pelo Espírito de Deus (Lc 11,13). Os textos que relacionam os dons do Espírito (Rm 12,3-8; 1 Co 12,4-11.27-31; Gl 5,22-23; Ef 4,11-13; 1 Pd 4,7-11; 1 Co 7,7), apresentam mais de trinta carismas. Portanto, “procurai com zelo os melhores dons” (1 Co 12,31).



Trindade:

comunhão dos Divinos Três

Revda. Maria Aparecida de Andrade Almeida

A Trindade é um mistério no sentido teológico. Na doutrina da Trindade se tematiza a economia salvífica como autorrevelação e autocomunicação de Deus. É preciso partir de que, na Trindade, há uma perfeita comunhão dos divinos três, ou seja: há um único e mesmo Deus que é Pai, um único e mesmo Deus que é Filho e um único e mesmo Deus que é Espírito Santo.

Porém, existe uma ordem nas três Pessoas Divinas: primeiro é o Pai, princípio da vida trinitária, princípio fontal, princípio sem princípio, chamado de Arché (fonte de onde nasce o ser não cronológico); segundo, o Filho, que procede do Pai pela palavra (Lógos, Verbo); e terceiro, o Espírito Santo que procede do Pai e do Filho pelo sopro. O Pai gera o Filho desde toda eternidade, e junto com Filho dá origem ao Espírito Santo. O fato de o Filho proceder do Pai e o Espírito Santo, do Pai e do Filho como de um único princípio, faz com que entre as três Divinas Pessoas vigore uma pericorese, que significa: as três Pessoas se comunicam, se interpenetram, sendo, porém, distintas, mas não separadas.

O Pai se entrega todo quando dá seu Filho ao mundo. É doação total (ágape), sem reservas. O Pai é invisível, insondável, que só se dá a conhecer através de seu Filho Jesus Cristo. O Filho (Lógos/Verbo) se entrega todo quando na cruz derrama seu sangue para a redenção da humanidade. É a kênosis total. Jesus veio ao mundo para que se cumprisse as promessas de

Deus. O Espírito Santo une Pai e Filho no amor que interpenetra as três Pessoas Divinas. O Espírito Santo, então, é a terceira Pessoa da Trindade. É aquele que está sempre ativo, torna o universo vivo e em movimento, numa dynamis constante. Sem Ele, simplesmente, não existiria vida. Sua identidade está em servir o Pai e o Filho, pois procede do Pai e do Filho (Filioque). Ele é o amor que une o Pai e o Filho. É totalmente para o Pai e totalmente para o Filho.



Após a sua ressurreição, Jesus prometeu aos seus discípulos que lhes enviaria a promessa de poder do Pai para que eles fossem suas testemunhas. Essa promessa foi cumprida

no Pentecostes com sinais de incontestável poder. Um vento forte e impetuoso – lembrando Ezequiel 37 – encheu a casa inteira, e os discípulos reunidos, sob línguas de fogo que pairavam sobre eles e capacitados pelo Espírito, glorificaram a Deus em diversas línguas.

Desde o dia de Pentecostes, o Espírito de Deus está sendo derramado sobre nós. O apóstolo Pedro lembra ao público maravilhado que eles haviam sido testemunhas do cumprimento das promessas de Deus. O propósito de Deus era conceder graciosamente o seu Espírito às pessoas de todas as comunidades do mundo. Este continua sendo o grande desejo de Deus. O Cristo ressurreto convida a todos/as os que têm sede a vir e beber livremente do Espírito que vivifica e dá sentido à nossa vida.



Como devemos entender Jesus?

Rev. Paulo Rückert

No início do século 19, vários teólogos alemães entenderam que deveriam escrever uma biografia de Jesus. Eles estavam em busca do Jesus histórico. Destacaram-se os teólogos Paulus e Strauss. Heinrich E. G. Paulus retirou o caráter sobrenatural dos milagres e escreveu, em 1828, uma biografia intitulada *A vida de Jesus* com mais de mil páginas, em 2 volumes. Em 1835, David Friedrich Strauss escreveu *A Vida de Jesus*, uma biografia com 1480 páginas. Esta obra inspirou toda a pesquisa posterior em busca do Jesus histórico.

A partir deste contexto, destacou-se Albert Schweitzer (1875-1965), teólogo, médico e músico. Ele construiu um hospital em Lambarene, na África e dedicou-se a tratar a “doença do sono”. Era o melhor intérprete de Bach e realizava concertos na Europa para angariar dinheiro para sua obra. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1954.

Albert Schweitzer pesquisou as diversas biografias de Jesus e concluiu que os biógrafos tentaram transformar Jesus de Nazaré em um alemão do século 19, ou seja, um professor de ética. Schweitzer e Johannes Weiss pesquisaram separadamente e chegaram a conclusões idênticas. Em 1913, Schweitzer publicou a *História da Pesquisa sobre a Vida de Jesus*.

Jesus foi um profeta apocalíptico e sua mensagem está muito distante da realidade europeia. Jesus era judeu e é inaceitável transformá-lo em um alemão liberal. Os pretensos biógrafos tentaram descobrir em Jesus ensinamentos morais e espirituais desconectados do contexto judaico; procuraram valores para a sociedade europeia. Schweitzer evidenciou que essas biografias eram totalmente a-históricas, ou seja, atropelaram a realidade e o ambiente de Jesus.

Enquanto os biógrafos entendiam o Reino de Deus como resultante de um aprimoramento

moral da humanidade, Schweitzer mostrou que, na pregação e na atuação de Jesus, o Reino de Deus é um conceito escatológico. Não se trata de um paraíso forjado pelo esforço humano, mas da intervenção de Deus nesta realidade impregnada pelo mal.

Schweitzer escreveu:

“É como um anônimo desconhecido que ele vem a nós, do mesmo modo como então, à beira do lago, se aproximou daqueles homens que não sabiam quem era ele. E pronuncia a mesma palavra: ‘Segue-me’ – colocando-nos diante das tarefas que nossa época precisa realizar. É ele quem ordena” (*História da Pesquisa sobre a Vida de Jesus*).

Schweitzer acrescenta que aqueles que lhe obedecem, descobrem que ele existe. Portanto, gostemos ou não, a mensagem de Jesus continua estranha e incômoda. Não adianta tentar transformar Jesus numa figura conveniente e simpática para a nossa sociedade. Não adianta “ajeitar” o Evangelho.

Queremos entender Jesus?

O Novo Testamento é suficiente. Se entendermos o NT, já está de bom tamanho. E o que diz o NT?

“Sabeis como Deus ungiu com Espírito Santo e poder Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam sob o poder do Diabo, porque Deus estava com ele” (Atos 10,38).

“Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1 João 3,8).

Jesus não veio a passeio, para nos transmitir palavras amenas – que possibilitam um sono repousante. Ele veio para lutar. E saiu vitorioso.

Haverá vida nos ossos secos?

Rev. Manuel Miranda

Uma pessoa, um grupo de pessoas, uma religião, uma nação pode acabar como ossos secos, sem vida, sem presente e sem futuro. Os fundamentos dessa sequidão se encontram na perda do sentido da vida, na deliberada intenção de burlar o bem, ou mesmo de burlá-lo por displicência, ignorância, fraqueza. É a famosa desculpa: “fiz sem querer”. Perdemos a noção da cordialidade, da afetividade, da generosidade, da hospitalidade. Construimos muros no lugar de pontes. Traímos nossos afetos; queremos riqueza sem trabalho, o bem-estar à custa alheia. Nem nos importam os desastres e tragédias decorrentes de nossas decisões ou omissões, e ainda nos orgulhamos de não sermos tão perversos assim. Por outro lado, diante do fracasso do bem, ficamos resignados, concluimos que é assim mesmo, não há esperança, nosso destino é mesmo esse, da miséria, da infelicidade, da morte. Esse também seria o destino dos seguidores de Jesus, reunidos com medo dos líderes judeus, não fosse Pentecostes, a poderosa unção do Espírito Santo, que fez e faz a Igreja, e tão mais faria se fôssemos obedientes de verdade.

Ezequiel é um profeta do exílio babilônico, ele próprio um exilado. O livro que leva seu nome é cheio de visões cuja interpretação deve ser buscada no passado e no presente do povo de Israel e de Judá escravizados. A visão dos ossos secos no capítulo 37.1-14, e sua reconstituição em vida plena, contêm, no seu simbolismo, preciosa promessa de retorno do povo à terra dos seus pais, por meio da quebra de suas correntes na terra dos caldeus. Sim, voltariam a viver nos alegres campos da Palestina; sobreviveriam aos longos anos de seu sequestro e deportação; voltariam a rever parentes e amigos antigos que não foram deportados; seus ossos ganhariam vida de novo. Mas havia uma exigência inegociável: o temor do Senhor teria de voltar aos seus corações e mentes; a obediência à soberana vontade de Deus se constituiria o aval, a

passagem, o caminho do retorno, pois se o mal continuasse em sua prática cotidiana, os seus ossos voltariam à sequidão da desesperança novamente.

Também vivemos circunstâncias de sequidão principalmente aqui no Brasil, na América Latina, na África e na Ásia. Nossa sequidão se apresenta nas polarizações políticas e religiosas que excluem, odeiam, matam. Nossas esperanças são buscadas nas ações de governantes em quem não confiamos, mas nós mesmos os elegemos, e quando confiamos, descobrimos sua incapacidade de superar os dramas do povo. Somos um povo destituído de lideranças sadias, competentes e estadistas. Estamos sem alternativas. Entretanto, há “Alternativa ao Desespero”, como bem situa Richard Shaull. Precisamos de uma ética permanente, forte e eficaz, firmada no Bem oriundo de Deus. A Igreja cristã em toda a sua variedade precisa viver e ensinar a ética cristã aos seus eclesianos desde a infância. Ensinar a Esperança que nasce da fé em um Deus vivo, promotor da verdadeira unidade de um povo para que seja capaz de superar seus ossos secos. Precisamos recuperar a noção e a prática da cordialidade, da afetividade, da generosidade, da hospitalidade, da honestidade a partir de nossas igrejas, das escolas, do trabalho, da diversão, e construir pontes no lugar de muros.

Que nos sirva assim a visão do profeta, pois também queremos retornar a uma terra boa, fértil de vida, com florestas e povos originários bem protegidos, com crianças brincando livres nas praças, bem assistidas na Igreja, na escola e nas famílias; crianças que têm presente e futuro.

Ungidos pelo Santo Espírito de Deus, somos capacitados a destruir o espírito do Mal que nos resseca até à morte.



IDE E ANUNCIAI
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ



EXPEDIENTE: O Ide e Anunciai é uma publicação da Secretaria de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Equipe Responsável: Revda. Maria Luiza Rückert (coordenadora), Rev. Manoel Miranda e Rev. Paulo Rückert. Colaboradora: Revda. Cida Almeida. Diagramação e arte final: Davi Melo.



MENSAGENS DE LEITORES

Escreva-nos contando suas impressões sobre este boletim. Sua opinião é muito importante para a continuidade e o aperfeiçoamento deste trabalho: maria.luiza.ruckert@gmail.com